

## SIMPÓSIO 50

### GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES

COORDENAÇÃO:

Professora Mariangela Rios de Oliveira (UFF/CNPq)  
mariangela.rios@terra.com.br

Professora Maria Luiza Braga (UFRJ/CNPq)  
malubraga@terra.com.br

### NÍVEIS DE ARTICULAÇÃO NAS CONSTRUÇÕES CAUSAIS : ASPECTOS DIACRÔNICOS

Maria da Conceição de PAIVA<sup>1</sup>

Maria Luiza BRAGA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos a evolução das construções causais *porque* e *por + infinitivo* ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. Tomando como ponto de partida o domínio em que opera a relação causal (domínio do conteúdo, domínio epistêmico e domínio dos atos de fala), procuramos identificar a trajetória dessas construções e seus correlatos estruturais. São focalizados, particularmente, os parâmetros correlação modo-temporal entre as duas orações do período complexo, a explicitude do sujeito da oração causal e a correferencialidade entre o sujeito das orações causa e efeito. A análise permite depreender uma trajetória diferenciada da construção *porque* em relação à construção *por+ infinitivo*. No século XX, neutralizam-se os usos da construção *porque* nos domínios do conteúdo e epistêmico. O uso de *por + infinitivo*, ao contrário, aumenta de forma significativa no domínio do conteúdo. De forma paralela, as duas construções reduzem progressivamente seu uso no domínio dos atos de fala. A análise evidencia, ainda, que essas mudanças possuem correlatos estruturais, principalmente no que se refere às propriedades do sujeito das orações.

**PALAVRAS-CHAVE:** construções causais; articulação; diacronia; parâmetros morfossintáticos.

#### 1. Introdução

Na literatura funcionalista, não há convergência quanto ao tratamento das chamadas orações adverbiais. Se, por um lado, há aqueles autores para os quais elas integram o rol das estratégias de subordinação, compartilhando, portanto, o espaço sintático reservado às orações adjetivas e complemento, como defendem Dijk (1997), Hengeveld e Mackenzie (2008), há outros para os quais este tipo de oração ocupa um lugar específico em um *continuum* não dicotômico. Assim, Halliday (1994, 2004) sustenta que as estruturas táticas podem se configurar quer como parataxe quer como hipotaxe e constituem um processo de combinação distinto do encaixamento. As orações adverbiais da abordagem gramatical tradicional integram o rol das estratégias hipotáticas e se caracterizam pelos traços [+ dependência] e [- encaixamento]. Propostas tripartites são encontradas, também, em Matthiessen e Thompson (1988) e Hopper e Traugott (2003) e diferem daquelas defendidas por Lehmann (1988) e por Croft (2001). O último se refere a um espaço conceitual com um dos vértices ocupado pelas adverbiais enquanto que o primeiro as concebe apenas como uma das várias estratégias de vinculação oracional, podendo coexistir com as orações independentes, com as díades correlativas, as orações médias e orações governadas, entre outras.

<sup>1</sup> Professor Adjunto da UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, Rua Desembargador Burle, 128, apto 202, Humaitá, Rio de Janeiro, paiva@club-internet.fr.

<sup>2</sup> Professor Titular da UFRJ, Faculdade de Letras, Departamento de Linguística e Filologia, Rua Carlos Góis, 431/apto 202, Leblon, Rio de Janeiro, malubraga@terra.com.br

Neste trabalho, endossamos a proposta que concebe as orações adverbiais como um mecanismo distinto tanto da parataxe quanto do encaixamento. Elas se caracterizam pelos supra mencionados traços [+ dependência] e [-encaixamento] e serão referidas variavelmente, daqui para frente, como orações hipotáticas ou adverbiais. A dependência a que nos referimos é de natureza formal (cf. Halliday op. cit e Cristofaro op. cit.): é identificada ou pela presença de um elemento conector hipotático ou pela forma não-finita da oração dependente.

Há divergências também quanto ao tratamento concedido às relações semânticas atualizadas nas orações complexas constituídas por oração nuclear e oração hipotática. A par daqueles autores que desconsideram esta variável quando do tratamento das orações complexas, como é a posição de Lehmann (op. cit.) há aqueles para quem uma determinada relação semântica particular pode ser expressa quer por estratégias táticas quer por estratégias de encaixamento, como é a posição de Halliday (op. cit.). Croft (op. cit) também sustenta que certas relações semânticas, como é o caso de certas nuances temporais, podem ser expressas por mecanismos sintáticos distintos.

Neste artigo, restringimo-nos à análise das chamadas orações de causa, relação concebida sob um viés pragmático. Partindo do princípio de que uma definição de causa em termos de condição suficiente, ou mesmo de condição necessária, dificilmente pode dar conta da diversidade de dados do uso lingüístico, entendemos a relação causal em termos de *A produz B*, envolvendo, portanto, a avaliação do falante/locutor acerca das relações possíveis entre os fatos (cf. Sweetser, 1990, Paiva, 1992, 1996, Dancyeger e Sweetser, 2000).

O objetivo central do trabalho é a investigação diacrônica das orações introduzidas pelos conectores *por/porque*. Interessa-nos verificar os processos de mudança experimentados pelas *construções por* e *construções porque* e seus rearranjos sistêmicos ao longo dos três últimos séculos. O artigo compõe-se de três partes. Na primeira, apresentamos um quadro geral das orações conectivas de causa nos três séculos considerados; na segunda, focalizamos a trajetória das *construções por* e *construções porque*, de acordo com o domínio e discutimos mais detalhadamente os correlatos estruturais associados às mudanças apreendidas no seu uso. As considerações finais vêm a seguir.

**2- Construções causais: um quadro geral**

Ao longo dos séculos XXIII, XIX e XX, as orações causais podem ser introduzidas por diferentes elementos conectivos, com graus de produtividade diferenciados, como se pode verificar na tabela 1:<sup>3</sup>

Tabela 1- Distribuição das formas de causalidade por século.

CONECTOR	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
<b>Porque</b>	50 = 42%	43 = 27,2%	64 = 27,50%
<b>Por + infinitivo</b>	25 = 21%	32 = 20,3%	37 = 15,88%
<b>Por isso</b>	1 = 0,8%	15 = 9,5%	15 = 6,43%
<b>Por isso que</b>			
<b>Por + causa + prep</b>	1 = 0,8%	-	-
<b>Por + SN + prep</b>	1 = 0,8%	-	-
<b>Por esta causa</b>	1 = 0,8%		
<b>Por esse motivo</b>	-	1 = 0,6%	-
<b>Em razão +prep</b>	-	3 = 1,9%	-
<b>Pois</b>	30 = 25%	30 = 19%	89 = 37,39%
<b>Pois que</b>	6 = 5%	20 = 12,7%	-
<b>Já que</b>	-	-	12 = 5,15%
<b>Posto que</b>	-	-	1 = 0,42%
<b>Visto</b>	1 = 0,8%	1 = 0,6%	-
<b>Visto que</b>	-	7 = 4,4%	1 = 0,42%
<b>Que</b>	1 = 0,8%	1 = 0,6%	0
<b>Como</b>	3 = 3,0%	5 = 3,2%	14 = 6%
<b>Total</b>	120	158	233

Na tabela 1, destaca-se, para numerosos conectivos, a coexistência de duas formas, como ilustram os pares seguintes: *por/porque*; *visto/visto que*; *posto/posto que*. O primeiro elemento de cada uma das díades encabeça uma oração

<sup>3</sup> O corpus para o século XVIII compreende os seguintes documentos: Século XVIII: Cartas do Corpus Internacional da Língua Portuguesa, Cartas Oficiais, Cartas Comerciais, Documentos Oficiais, Cartas Pessoais, Documentos Particulares, todos do PHPB/RJ, Cartas de Alexandre de Gusmão, Nobliarquia paulistana histórica e genealógica. Para o século XIX, foram analisadas Cartas de Leitores e Redatores de Minas Gerais, do Paraná, de Pernambuco, do Rio de Janeiro, de São Paulo. A amostra do século XX foi constituída de textos jornalísticos extraídos dos jornais O Globo, Jornal do Brasil, Povo e Extra.

não-finita e parece constituir uma alternativa mais gramaticalizada do que sua contrapartida finita, como seria, em princípio, o caso de *porque* em relação a *por + infinitivo*.

As construções *porque* e *por + infinitivo* ocupam lugar de destaque entre as possibilidades de expressão do elo de causalidade, sendo as mais recorrentes nos séculos XIX e XX e suplantadas apenas pelo conector *pois* no século XX. A análise dessas duas construções segundo alguns critérios comumente considerados na distinção entre estratégias de coordenação e subordinação (cf. Lobo 2003, Lobo e Fiéis 2009) – possibilidade de anteposição, possibilidade de coordenação, clivagem, operação de foco, negativa alternativa – sugere que os dois mecanismos são equivalentes, portanto, mutuamente intersubstituíveis, como se mostra a seguir:

**A- porque/ por + infinitivo**

- **Operador de foco**  
João faltou à aula porque quebrou a perna. / João faltou à aula por ter quebrado a perna.
- **Possibilidade de coordenação**  
João faltou à aula porque quebrou a perna e ficou imobilizado. / João faltou à aula por ter quebrado a perna e ter ficado imobilizado.
- **Clivagem**  
Foi porque quebrou a perna que João faltou a aula. / Foi por ter quebrado a perna que João faltou a aula.
- **Operador de foco**  
João só faltou à aula porque quebrou a perna. / João só faltou à aula por ter quebrado a perna
- **Negativa alternativa**  
João faltou à aula não porque quebrou a perna mas porque ficou imobilizado. / João faltou à aula não por ter quebrado a perna mas por ter ficado imobilizado.

A aplicação dos critérios acima mostra que, como sequências descontextualizadas, as *construções por* e as *construções porque* constituem alternativas equivalentes e que um falante poderia optar, indiferentemente, por uma ou outra. Esta interpretação, se verdadeira, representaria uma contra evidência ao princípio da não sinonímia proposto por Goldberg (1995), para quem

C is a CONSTRUCTION iff<sub>def</sub> C is a form-meaning pair <F<sub>i</sub>, S<sub>i</sub>> such that some aspect of F<sub>i</sub> or some aspect of S<sub>i</sub> is not strictly predictable from C's components parts or from other previously established constructions. (Goldberg 1995: 4)

De forma mais específica, se duas construções são sintaticamente distintas, elas precisam ser semântica ou pragmaticamente distintas. Os aspectos pragmáticos incluem tanto características da estrutura da informação, tais como tópico e foco, quanto características estilísticas tais como o registro.

Como já ressaltamos, um problema com esses critérios é que eles são aplicados a orações descontextualizadas, fugindo aos pressupostos das abordagens funcionalistas para as quais é necessário dar conta do uso das expressões linguísticas. Com vistas a atender a este requisito, procedemos ao exame das *construções por* e *construções porque* levando em consideração o nível de articulação da oração de causa, ou seja, o domínio em que se estabelece a relação causal: conteúdo, epistêmico ou ato de fala (Sweetser, 1990, Paiva, 1996, Dancyeger e Sweetser, 2000). No domínio

referencial, a relação se estabelece entre fatos/estados de coisas susceptíveis de serem verificados no mundo real, como se ilustra em (1) e (1a). No domínio epistêmico, ao contrário, o fato A é apresentado como uma evidência que autoriza uma determinada conclusão B. A relação envolve, portanto, a avaliação do falante acerca da possibilidade de dois fatos (A e B) estarem relacionados por causa-efeito, como se verifica em (2) e (2a). No domínio dos atos de fala, a oração causal justifica um ato performativo, atenuando-o, como se exemplifica em (3) e (3a).

(1) Minha Mãe não lhe escreve avossa mercê nesta o Cazião **porque basta Esta para lhe dezer que mandara ordem ao Luciano** (PHPB, Cartas pessoais, pag. 1, linha 20, 17-11-1790)

(1a) Tenho recebido de Vossa Senhoria tres cartas, duas da data de 16 e huma de 17, todas do corrente mez, a que não tenho dado reposta **por ter havido expediçoens e outros embaraços que o impedirão.**(1a). (CILP1BMCCRJ – Cartas Comerciais XVIII RJ 5)

(2) Se dizem a Vossa Maggstadde que as minas estam atrasadas he engano /senhor **porque as minas he hua couza muyto grande, e nam pode faltar nellas ouro**, salvo por decreto absoluto de Deoz, que naturalmente, he impocível. (PHPB Cartas Pessoais, Pagina 5, 02/08/1720)

(2a) Arezão que odito Capitão deo para fazer esta separação, **foi por querer obzequiar aodito Jeronimo Teixeira, com quem tinha amizade.** (CILPIMCORJ – Carta Oficial Vice-Rei-RJ XVIII – pag. 3, linha 76)

(3) Nao me demore mais **por que tendo acabado de padecer huma forte enflamação nos queixos** em que reciei perder os dentes de diente do queixo. (PHPB Cartas Pessoais –pagina 2 -- linha 70, de 14/12/1800)

(3a) Vossa Senhoria abone na minha conta eu mesmo o via [ ] tambem o que não pude fazer **por estar muito ocupado** o que breve te vou levar o dinheiro. (Cartas Pessoais XIX MG2).  
Na seção seguinte, mostramos o desenvolvimento das construções causais com *por + infinitivo* e *porque* ao longo do período considerado.

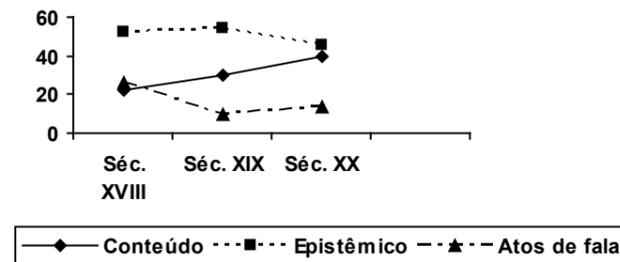
**3- A diacronia das construções porque e construções por + infinitivo**

*Porque*, a construção mais freqüente nos séc. XVIII e XIX segundo a tabela 1, provém da junção da preposição *por* + *pronome relativo que*. Esta construção já é atestada desde o século XIII, coexistindo as seguintes grafias: *porque* ~ *por que* ~ *perque* ~ *per que*. De acordo com Barreto (1999), no século XIII, ainda era possível encontrar ocorrências nas quais a palavra *que* funcionava como um relativo parafraseável por ‘pela qual’, ‘por que motivo’, como se vê em (4), a seguir

(4) E qual quer dos contemptores que ao plazo nom ueer nen enuir como deue, peyte ao juiz. V. soldos përa el Rey e outros.V. përa o contendor que uerr ou enuir ao plazo e se aquel que nũerr der algũa escusaçõ deryta **per que** nõ ã e o nõ aya pëa. (FR, liv. II, l. 132-6, apud Barreto 1999:118)

Ainda no séc. XVIII, encontramos ocorrências da preposição *por* separada graficamente do *que*, referendando a interpretação de que o conector *porque* resulta da combinação dos dois elementos. No séc. XIX, tais ocorrências, ainda que possíveis, são consideradas desvios ortográficos. Exemplos de orações com *porque* nos três domínios são ilustradas em (1), (2) e (3) acima. No entanto, elas se distribuem de forma diferenciada em cada um dos séculos, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1- Evolução do conector *porque*



As linhas do gráfico 1 revelam que a trajetória das construções *porque* se distingue de acordo com o domínio. No século XVIII elas são empregadas, principalmente, no domínio epistêmico e mais rarefeitamente no domínio do conteúdo e dos atos de fala. O uso epistêmico de *porque* se mantém estável no século XIX e recua ligeiramente no século XX. No domínio do conteúdo, a construção *porque* apresenta uma linha ascendente ao longo do tempo, aproximando-se no século XX, do índice associado às construções *porque* no domínio epistêmico. Construções com *porque* no domínio dos atos de fala fazem uma trajetória contrária, declinando de forma significativa, a partir do século XIX.

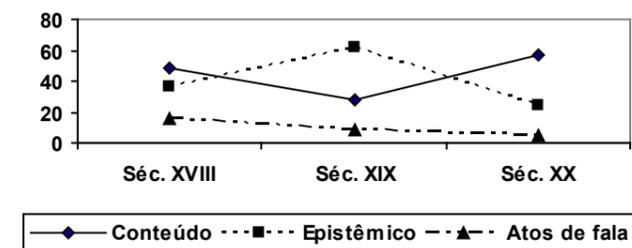
A construção *por + infinitivo* que, como já exemplificado em (1a) – (3a) também instancia relações nos três domínios da causalidade, reflete, desde o português arcaico, a ambigüidade inerente à preposição *por* a qual já estava, desde o Latim, associada a significados locativos, temporais e nocionais, ou qualidade nos termos de Heine, Claudi, Hunnemeyr (1991). Como conector de orações, *por* podia, segundo Poggio (2002), introduzir orações quer de ‘finalidade’ quer de ‘causa’, como nos exemplos abaixo:

(5) E com um delles furavõ a terra per cima **por veerem o certo onda já chegavam** (F. Lopes, D. J. 325; apud Poggio 2002: 207).

(6) E **por saberem o esmo em que lugar eram**, traziam dous traadores (F. Lopes, D. J. 325; apud Poggio 2002: 207)

A distribuição das construções *por + infinitivo* ao longo dos três séculos pode ser observada no gráfico 2:

Gráfico 2- Evolução de *por + infinitivo*



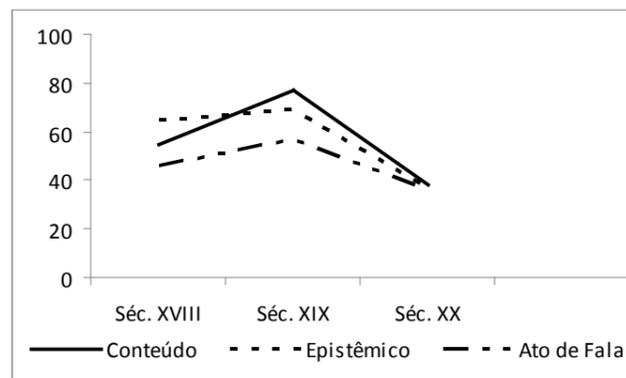
Segundo o gráfico 2, a construção *por + infinitivo* apresenta uma distribuição ainda mais irregular ao longo dos séculos: no século XVIII, é mais frequente no domínio do conteúdo; no século XIX, é predominante no domínio epistêmico e, no século XX, retoma a distribuição observada no século XVIII, mas destacando-se significativamente no domínio do conteúdo. O ponto de convergência mais evidente em relação às construções com *porque* é o seu

declínio gradativo no domínio dos atos de fala. Considerando essa similaridade, pode-se dizer que a diferente trajetória das duas construções envolve, principalmente, seus usos nos domínios epistêmico e do conteúdo. A distribuição observada sugere, após um período de forte concorrência entre as duas no domínio epistêmico (séc. XIX), uma certa distribuição entre elas, no século XX: as construções *porque* variam entre os domínios epistêmico e do conteúdo; as construções *por + infinitivo* se concentram no domínio do conteúdo.

Uma questão relevante diz respeito aos possíveis correlatos formais associados às trajetórias depreendidas para as duas construções causais. Antes de mais nada, é necessário destacar que um dos parâmetros mais frequentemente considerados na articulação de orações, qual seja, a posição da oração causal, é inoperante na compreensão da trajetória das construções *porque* e *por + infinitivo*. Apesar de potencialmente variáveis na sua posição em relação à oração núcleo (Paiva, 1992, 1999), ao longo de todo o período examinado as orações causais introduzidas por *porque* ou *por* são categoricamente pospostas às suas orações núcleo, indicando, portanto, que a fixação de ordem dessas orações se processou em períodos anteriores da língua.

Outras propriedades estruturais, como as de identidade/ distinção entre tempo e modo verbal das orações, a ocorrência de sujeitos explícitos na oração causal e a correferencialidade ou não correferencialidade entre os sujeitos das orações relacionadas fornecem, indicações de que as trajetórias da *construção porque* e da *construção por + infinitivo* segundo o domínio se associam a alterações nos traços morfossintáticos das duas orações interrelacionadas. Consideremos, inicialmente, a correlação modo-temporal, um parâmetro que, naturalmente, se limita à *construção porque*, cujos resultados são mostrados no gráfico 3:

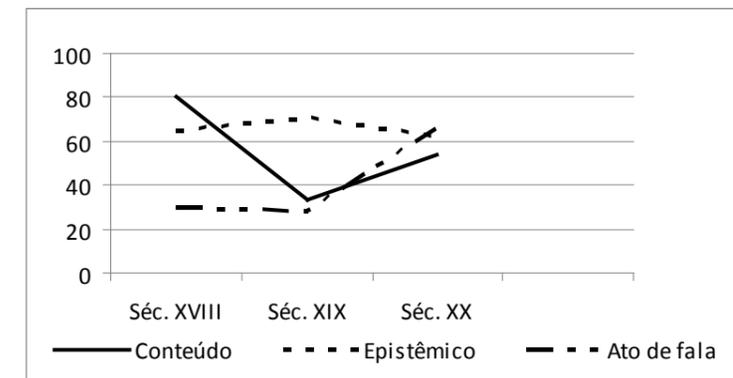
Gráfico 3- Correlação modo-temporal na *construção porque*



O comportamento das *construções porque* epistêmicas é bastante similar nos séculos XVIII e XIX com índices mais expressivos de correlação entre o tempo e modo das orações relacionadas. Para as orações *porque* no domínio do conteúdo, a tendência de identidade modo-temporal entre as duas orações apresenta maior flutuação estatística, aumentando sensivelmente no século XIX e decrescendo mais bruscamente no século XX. Embora apresentem frequências mais baixas de correlação modo-temporal, as *construções porque* no domínio dos atos de fala seguem o padrão das demais, qual seja, redução no século XX. Pode-se concluir, portanto, por um declínio generalizado de identidade modo-temporal, o que poderia ser tomado como um índice de que, independentemente do domínio, as *construções porque* caminham no sentido de menor estreitamento.

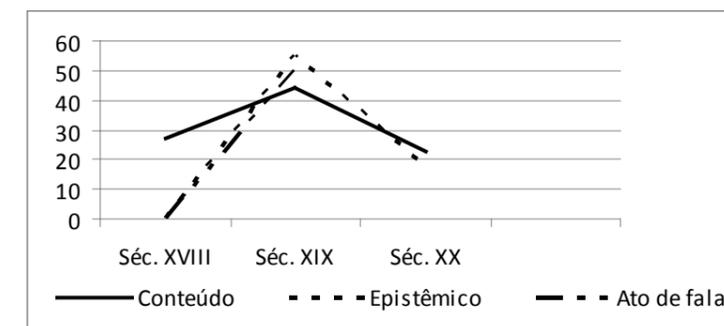
Passemos, a seguir, a dois parâmetros que envolvem propriedades morfossintáticas do sujeito das orações relacionadas aplicáveis igualmente às duas construções: a explicitude do sujeito da oração causal e a correferencialidade entre o sujeito da oração causal e da oração efeito. No gráfico 4, estão sintetizados os resultados para a correlação entre a *construção porque* e a ocorrência de sujeitos explícitos.

Gráfico 4- Explicitude do sujeito na *construção porque*



De acordo com as curvas do gráfico acima, o parâmetro explicitude do sujeito se correlaciona de forma diferenciada ao domínio da relação de causalidade. Consta-se, por um lado, maior estabilidade na tendência a sujeitos explícitos nas orações causais epistêmicas com *porque* que mantêm índices muito aproximados ao longo do período contemplado. As *construções porque* no domínio do conteúdo, por sua vez, apresentam forte oscilação estatística nos valores para sujeitos explícitos, com um pico no século XVIII e decréscimo abrupto no século XIX. Embora volte a aumentar no século XX, a frequência de sujeitos explícitos nas *construções porque* de conteúdo se distancia da verificada para o século XVIII. As causais no domínio dos atos de fala, que, nos séculos XVIII e XIX, apresentam os índices mais baixos de sujeitos explícitos, percorrem uma trajetória paralela às causais de conteúdo, aumentando o índice de sujeitos explícitos, na no século XIX. De forma distinta, na *construção por + infinitivo*, como mostra o gráfico 5, atesta-se uma distribuição similar para os três domínios.

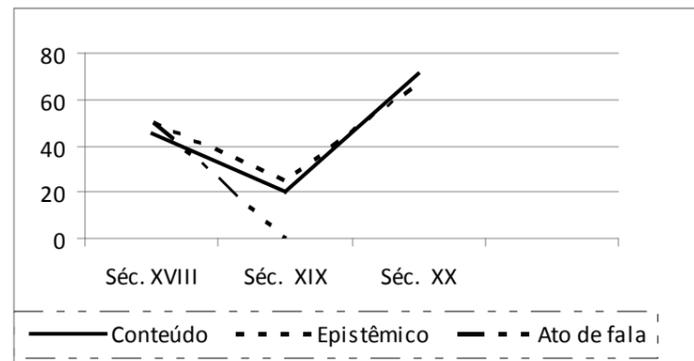
Gráfico 5- Explicitude do sujeito na *construção por + infinitivo*



O padrão curvilíneo do gráfico 5 aponta que, independentemente do domínio, as *construções por + infinitivo* atingem índices mais expressivos de sujeitos explícitos no século XIX. O século XX, por sua vez, assiste a uma queda considerável dessa possibilidade estrutural. Pode-se contar para todos os séculos menor incidência de sujeitos explícitos nas causais que operam no domínio dos atos de fala e maior recorrência de sujeitos explícitos nas de conteúdo e epistêmicas. As *construções por + infinitivo* no domínio dos atos de fala que, no século XIX, se associam a um índice significativamente alto de sujeitos explícitos, caminham, no século XX, para uma tendência contrária, ou seja, apresentam categoricamente sujeitos não explicitados.

Consideremos, a seguir, o parâmetro correferencialidade de sujeito entre as orações. O gráfico 6 mostra, para a *construção porque*, um padrão idêntico para as de conteúdo e as epistêmicas em oposição a um padrão particular para as de atos de fala.

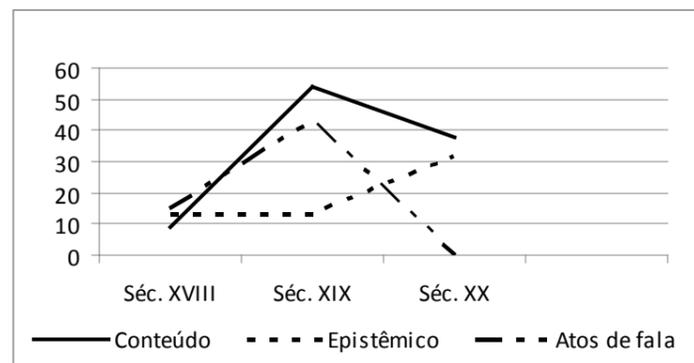
Gráfico 6- Correferencialidade do sujeito na construção *porque*



As construções *porque* no domínio do conteúdo e epistêmico apresentam um padrão curvilíneo, com queda das taxas no século XIX e taxas elevadas para correferencialidade nos séculos XVIII e XX. Nas construções *porque* que se articulam a atos de fala, por sua vez, atesta-se decréscimo progressivo de sujeitos correferenciais, alcançando, no século XX, índice categórico de sujeitos [-correferenciais].

As construções *por + infinitivo*, como se observa no gráfico 7, se distinguem nitidamente da sua contrapartida finita no que se refere à propriedade de correferencialidade entre o sujeito das duas orações.

Gráfico 7- Correferencialidade do sujeito na construção *por + infinitivo*



Apesar das diferenças quantitativas, o gráfico 7 permite atestar padrão similar para as construções *por + infinitivo* de conteúdo e de atos de fala: baixa percentagem de sujeitos correferenciais no século XVIII, índices mais elevados no século XIX e decréscimo no século XX. Nas de ato de fala, observa-se mais uma vez a tendência categórica para sujeitos [-correferenciais]. Distinguem-se, portanto, das construções *por + infinitivo* no domínio epistêmico que apresentam taxas equiparáveis nos séculos XVIII e XIX, e mais elevadas no século XX.

#### 4- Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi possível depreender algumas particularidades na trajetória das construções causais *porque* e *por + infinitivo* ao longo dos três últimos séculos. Um ponto a ressaltar é que a aparente intercambialidade sugerida

por testes puramente sintáticos, como mostramos na seção II, pode ser questionada, se considerarmos a evolução dessas construções. Como revelou a análise que considera a distribuição segundo os domínios, há diferenças entre os dois tipos de construção. Um ponto a destacar é que o emprego dessas construções ao longo do tempo possui trajetórias diferenciadas segundo o domínio da relação de causalidade em que elas operam. As construções *porque*, embora exibam flutuação estatística entre os diferentes séculos, se caracterizam por maior estabilidade no que diz respeito aos domínios.

Com relação às construções *por + infinitivo*, observa-se maior irregularidade ao longo dos séculos, com cada um dos domínios seguindo uma trajetória distinta. Assim, as epistêmicas decrescem de forma inversamente proporcional ao seu aumento no domínio do conteúdo. É possível especular que a construção *por + infinitivo* se investe de uma certa especialização, qual seja, a expressão de causas reais. Um ponto comum na trajetória das duas construções é o seu decréscimo no domínio dos atos de fala.

Mostramos, ainda, que essa oscilação no plano semântico-pragmático se correlaciona a uma instabilidade das propriedades morfosintáticas como correlação modo-temporal entre as orações, explicitude do sujeito e correferencialidade entre o sujeito das duas orações. A oscilação dessas propriedades ao longo do tempo sugere não apenas a particularização de cada uma das construções examinadas como também a dificuldade de generalizar uma tendência inequívoca para cada uma delas, sem considerar cada domínio especificamente.

A regularidade mais saliente diz respeito à tendência das construções *porque*, no sentido de menor correlação modo-temporal, independentemente do domínio em que operam. A segunda generalização possível concerne mais especificamente as construções *por + infinitivo* no domínio dos atos de fala que, evoluem no sentido de traços categóricos como sujeito não explícito e [-correferencial]. A notar, ainda, que essa tendência é observável também nas construções *porque* no domínio do conteúdo, o que reforça as particularidades dessas construções.

Tomados isoladamente, os parâmetros estruturais considerados neste estudo dificultam afirmações mais seguras acerca da evolução dos processos de vinculação operados por essas construções. Tomados em conjunto, no entanto, eles oferecem algumas evidências de que, pelo menos em alguns domínios, há uma tendência ao afrouxamento da integração, o que pode ser percebido em propriedades como correlação modo-temporal e correferencialidade do sujeito.

#### Referências Bibliográficas

Barreto, Therezinha. 1999. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Tese inédita

Cristóforo, Sonia. 2003. *Subordination*. Oxford: Oxford University Press.

Cróft, William. 2001. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press.

Dancyeger, B. Sweetser, Eve. 2000. Constructions with if, since, and because: Causality, epistemic stance and clause order. In: E. Couper-Kuhlen, Bernd Kortmann (ed), *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*, Berlin /New York: Mouton de Gruyter, p.11-142.

Dijk, Simon. 1997. *A theory of functional grammar*. Part II: complex and derived constructions. Edited by Kees Hengeveld. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.

Fiéis, Alexandra; Lobo, Maria 2008. *Para uma diacronia das orações causais e explicativas do português*. Comunicação apresentada no XXIV Encontro Nacional da APL, Braga, Portugal.

Goldberg, Adele E. 1995. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

Halliday, M. A. K. 2004. *An introduction to functional grammar*. 2<sup>nd</sup>. Edition. London: Edward Arnold.

Haiman, John and Sandra A. Thompson 1988. Introduction. In Haiman, John; Thompson, Sandra. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins.

Hengeveld, Kees; Mackenzie, Lahan 2008. *Functional discourse grammar. Typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press.

Heine, B.; Claudi, U.; Hunnemeyer, F. 1991. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: Chicago University Press.

Hooper, Paul; Traugott, E. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, 2<sup>nd</sup> edition.

Lehmann, Christian. 1988. Towards a Typology of Clause Linkage. In: Thompson, S; Haiman, J. (orgs). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, p. 181-225.

Lobo, Maria. 2003. *Aspectos da sintaxe das orações adverbiais do português*. Dissertação de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Inédito.

Matthiessen, C.; Thompson, S. 1988. The structure of discourse and 'subordination'. In Haiman, J.; Thompson, S. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Paiva, M. C. 1992. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Letras, UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ.

\_\_\_\_\_. 1996. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: Macedo Alzira et al. (org.). *Variação e discurso*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 51-62.

\_\_\_\_\_. 1999. A ordem não marcada das cláusulas "porque". In Série Estudos: Descrição do português, abordagens funcionalistas. Araraquara, São Paulo: Editora da UNJESP, v.1, p. 263-280.

Poggio, Rosaura Maria G.. F. 2002. *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista*. Salvador EDUFBA.

Sweetser, Eve. 1990. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge University Press.

## CONSTRUÇÕES V + LOC EM LÍNGUA PORTUGUESA: UNIDIRECIONALIDADE E MULTICAMADAS

Mariangela Rios de Oliveira<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este capítulo descreve e analisa padrões construcionais do tipo V (verbo) + loc (pronome locativo) em uso no português contemporâneo do Brasil. Com base na interface dos estudos funcionalistas, a partir de Heine e Kuteva (2007), Bybee (2010) e Traugott (2008), entre outros, e cognitivistas, nos termos de Goldberg (2006; 1995) e Croft (2001), postulamos que da macroconstrução V + loc emergem as mesoconstruções, a depender do tipo semântico do primeiro constituinte (V) ou do segundo (loc), e daí são usadas efetivamente as microconstruções, como *vá lá, espera aí* ou *sei lá, por exemplo*. Tais microconstruções resultam de trajetória de gramaticalização, da forte integração semântico-sintática dos dois constituintes (V e loc), na direção de uso lexical a pragmático-discursivo, e são motivadas por contextos maiores, como sequências textuais subjetivas. Em níveis mais altos de vinculação e rotinização, tais usos se tornam mais arbitrários ou convencionais, perdendo iconicidade e ganhando generalização, manifestada pela ocorrência em contextos distintos daqueles que os motivaram inicialmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** construções; locativos; polissemia; gramaticalização

### Introdução

Após o desenvolvimento de dois projetos voltados para a ordenação de pronomes locativos na trajetória do português<sup>5</sup>, observamos que, tal como hoje se preconiza na pesquisa funcionalista, os fenômenos envolvidos no uso linguístico não são discretos e específicos, mas afetam conjunto maior de constituintes, blocos de forma e sentido que, unidos, cumprem trajetória de polissemia e, sob determinadas circunstâncias, chegam à mudança gramatical.

Este capítulo, portanto, dedica-se à análise interpretativa de determinadas expressões de uso do português contemporâneo do Brasil, altamente vinculadas em termos semântico-sintáticos, instanciadas pelo padrão construcional *verbo + pronome locativo* (doravante V + loc), como em *sei lá<sup>6</sup>, espera aí<sup>7</sup> ou vamos lá<sup>8</sup>*, por exemplo. Trata-se de fenômenos de gramaticalização, uma vez que implicam mudança categorial, na medida em que os elementos constitutivos das referidas expressões migram do nível do léxico e assumem, entrancheirados uns aos outros, funções no nível pragmático-discursivo, mais abstratas e voltadas para a negociação de sentidos inferenciais ou subjetivos.

Nessa análise, fundamentamo-nos em pressupostos funcionalistas, na linha de Bybee (2010), Traugott (2008), Traugott e Dasher (2005), Heine e Kuteva (2007), entre outros, bem como nos valem de aportes cognitivistas, notadamente os atinentes à abordagem construcional, na linha de Goldberg (2006; 1995), Croft e Cruse (2004) e Croft (2001), na perspectiva da gramaticalização de construções.

Consideramos que o padrão construcional abstrato V + loc, considerado como *macroconstrução*, nos termos de Traugott (2008), instancia camadas mais específicas, as chamadas *mesoconstruções* (subtipos das macro, a depender, por exemplo, do tipo semântico do V, se estativo, de movimento, cognitivo, etc), que, por sua vez, são base para as formações usuais e efetivas, as denominadas *microconstruções*. Essas últimas, referidas também pela autora como

<sup>4</sup> CNPq / UFF/Instituto de Letras/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Av. Visconde do Rio Branco, s/no, Campus Gragoatá, CEP 24220-200, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, mariangela.rios@terra.com.br

<sup>5</sup> Projetos integrados, desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos "Discurso & Gramática" na UFF e na UFRJ, que focalizaram usos adverbiais locativos, temporais e modais/aspectuais em duas fases da língua: português contemporâneo e arcaico (2004 a 2006) e português dos séculos XVIII e XIX (2007 a 2010).

<sup>6</sup> Padrão pesquisado atualmente pelo bolsista de IC do Pibic/UFF Leonardo Pereira dos Santos.

<sup>7</sup> Padrão pesquisado atualmente pela mestrandia Flavia Saboya, em sua dissertação no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

<sup>8</sup> Padrão pesquisado atualmente pela doutoranda Ana Cláudia Machado Teixeira, em sua tese no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF; tema também tratado em Teixeira (2010)

*construtos*, é que são os *tokens* de uso aqui tomados como objeto de pesquisa (Bybee, 2003).

Partimos das seguintes hipóteses gerais: a) O padrão construcional V+loc é resultante de processo de gramaticalização, na migração de formações no nível lexical (como em *Nós vamos lá na faculdade*) para o gramatical (como em *A questão complica na hora em que se define o papel de cada um. Vamos lá: quem decide quais papéis comprar?*); b) Esse padrão altamente convencionalizado resulta de processo de *esquematisação* (Noël, 2007), um tipo de fixação mais idiomático cumpridor de funções no nível pragmático-discursivo; c) Em sua configuração interna, o *frame* verbal e o sentido do locativo concorrem para a referida convencionalização, ou seja, embora o sentido construcional não seja meramente a soma dos sentidos dos constituintes internos, os traços semânticos e morfossintáticos destes elementos motivam a configuração do sentido e da função final do padrão instanciado; d) Pressões metonímicas, em nível interno e externo à construção, ensejam sua gramaticalização em determinados contextos pragmático-discursivos, voltados, basicamente, para a articulação de sentidos (inter)subjativos (Traugott; Dasher, 2005).

Em correspondência às quatro hipóteses gerais formuladas, temos os seguintes objetivos: a) Abordar o padrão construcional V + loc em instanciações do tipo *espera aí, vamos lá e sei lá*, em uso no português contemporâneo do Brasil; b) Relacionar tais padrões estruturais (Croft, 2001; Goldberg, 2006) com a perspectiva da gramaticalização, na linha de Heine e Kuteva (2007) e Traugott (2008); c) Observar o tipo de verbo e de pronome locativo que, entrincheirados, formam esses arranjos gramaticalizados; d) Detectar pressões metonímicas, no nível das sequências tipológicas e gêneros discursivos em articulação, a motivar a seleção e frequência das construções em análise.

Acerca das fontes empíricas que orientam e sustentam nossas análises, em consonância com o que preconiza a vertente funcionalista, partimos de textos de língua em uso na comunidade de falantes do português do Brasil. Tomamos como *corpora* materiais escritos e falados do português contemporâneo, marcados por maior informalidade e dialogismo, aí incluídos textos em formato eletrônico, como os que se encontram em blogs, salas de bate-papo e afins. A eleição dessas fontes justifica-se pelo tipo de objeto de pesquisa, que se configura como uso mais marginal e inovador, próprio de contextos mais distantes da norma culta escrita.

## 2. Gramaticalização de Construções

De acordo com os fundamentos teóricos que têm orientado as investigações e as produções bibliográficas do Grupo D&G (Oliveira; Votre, 2009; Oliveira; Rosário, 2009; Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003; Votre, Cezario e Martelotta, 2004), fundamentamo-nos em princípios funcionalistas, partindo, portanto, do pressuposto de que não há separação entre conhecimento do mundo e conhecimento lingüístico e de que a gramática das línguas se constrói, em grande parte, a partir do discurso, ou seja, do uso concreto e criativo da língua. Em termos mais específicos, estão associadas à gramática das línguas determinadas rotinas cognitivas e comunicativas que são moldadas pela frequência de uso, fazendo com que se chegue à aparente regularidade e estabilidade lingüística, condição necessária à interação.

Com base em Heine e Kuteva (2006: 332), entendemos *gramaticalização* como o processo orientado no sentido do léxico para a gramática, ou de uma função gramatical para outra mais gramatical. Nessa trajetória, os constituintes envolvidos perdem sentido pragmático, complexidade semântica, liberdade sintática, estrutura morfológica e substância fonética. Esses fenômenos são correlatos a quatro parâmetros da gramaticalização: extensão de uso ou reinterpretação induzida do contexto, dessemantização, decategorização e erosão fonética (Heine; Kuteva, 2007). De acordo com essa última fonte bibliográfica, o desenvolvimento de constituintes gramaticais depende fortemente do contexto de sua ocorrência, destacando-se, assim, o papel da configuração estrutural, seus componentes e sua disposição, na deflagração da derivação semântico-funcional.

Com base ainda em Traugott e Dasher (2005: 80), partimos do pressuposto de que a metonímia, definida como a conceptualização da mudança semântico-gramatical envolvendo associação, contiguidade e indexicalidade, é

mais básica para a linguagem e a cognição do que a metáfora. As relações metafóricas são entendidas, assim, como consequentes das combinações associativas no nível da expressão e da ordenação hierárquica dos constituintes, em outros termos, como o efeito ou o resultado das relações metonímicas.

Essa abordagem, que destaca o viés metonímico face ao metafórico, redimensiona e valoriza o papel do contexto pragmático e das pressões cognitivas nos usos lingüísticos. Em conformidade com tal orientação, ressalta-se a *subjefificação*<sup>9</sup> (Traugott; Dasher, 2005: 30), definida como um tipo de processo metonímico pelo qual *os emissores (falantes e escritores), ao longo do tempo, desenvolvem lexemas que codificam ou externalizam suas perspectivas ou atitudes elaboradas no ambiente comunicativo do evento de fala*. Por intermédio da subjefificação, os emissores manifestam suas convicções e valores; quando a expressão subjetiva volta-se adicionalmente para o interlocutor, procurando atingi-lo, no sentido da busca de adesão ou convencimento, por exemplo, destaca-se o processo de *intersubjefificação*. Ambas as estratégias – subjefificação e intersubjefificação – são responsáveis por fenômenos de gramaticalização, envolvendo itens específicos ou construções como as aqui propostas para pesquisa. *Clines* como *concreto (físico) > abstrato (mental)*; *lexical > metalingüístico/metatextual*, referidos em Hopper e Traugott (2003), são considerados resultantes do processo de subjefificação.

Conforme Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), entendemos a perda do sentido espacial do segundo constituinte de V + loc como um dos fenômenos mais fundamentais para o desencadeamento do processo de mudança lingüística por gramaticalização em nossos objetos de pesquisa. A referência locativa é muito recrutada para a expressão de outros domínios mais abstratos, fazendo dos pronomes locativos peças estratégicas no jogo comunicativo. Algumas das mais interessantes combinações produzidas pelo uso desses pronomes são as construções nominais e verbais aqui propostas para pesquisa.

No que diz respeito à polissemia dos pronomes locativos, partimos aqui da proposta de Taylor (1995), que consiste em abordar o fenômeno utilizando a noção de *semelhança por familiaridade*. Segundo o autor, os diferentes sentidos de um termo não podem ser unidos com base em denominador semântico comum, mas através de cadeias de significados: o sentido A está relacionado ao sentido B em virtude de algum atributo compartilhado; o sentido B, por sua vez, constitui a fonte para uma extensão semântica em direção ao sentido C, que é encadeado para o sentido D e assim sucessivamente.

Determinadas regularidades tendem a se apresentar não apenas em línguas diferentes, mas também em termos pancrônicos. Dito de outra forma, em diferentes etapas da evolução histórica de uma língua, as mesmas forças básicas estarão atuando, fazendo, assim, com que, contrariamente às tendências de mudança associadas ao uso, a língua se apresente estável em determinados níveis de sua estrutura, como o português contemporâneo, sincronia eleita neste texto.

Essa ampliação de foco dos estudos sobre mudança gramatical, com a valorização da dimensão metonímica, do papel fundamental das relações associativas dos constituintes numa estrutura, enseja a incorporação de pressupostos cognitivistas na pesquisa de cunho funcionalista que agora propomos desenvolver. Nesse sentido, para dar conta do tratamento dos objetos da futura investigação, integramos ao arcabouço teórico funcionalista a abordagem construcional, nos termos de Goldberg (2006; 1995), Croft e Cruse (2004) e Croft (2001), bem como a noção de *frame*, conforme Fillmore (1988; 1982).

Segundo Goldberg (2006; 1995), a construção é definida como um tipo de pareamento *função-forma* altamente integrado, em que o sentido não é dado pela mera soma dos termos que integram esse arranjo. Para a autora (Goldberg, 1995, p. 6), as construções são as *unidades básicas* da língua. Em outros termos, as interações não se dão a partir de itens isolados, o sentido não é atomizado, mas sim resultante das combinações de sentido e de expressão, das associações de termos em distintos níveis na gramática das línguas. Assim, o padrão construcional V + loc (como *escuta aqui*, no nível pragmático) são tomadas com um todo de sentido e de forma. Nessa perspectiva, não se admite distinção clara entre léxico e sintaxe, ou entre o léxico e o restante dos demais níveis gramaticais.

<sup>9</sup> Estamos traduzindo *subjectivity* e *intersubjectivity* (Traugott e Dasher, 2005) por *subjefificação* e *intersubjefificação*, respectivamente.

Em consonância com a estreita relação entre sentido e forma na perspectiva construcional, assumimos a proposta de Croft (2001: 18), a partir de seu modelo para a estrutura simbólica da construção:

CONSTRUÇÃO	
Propriedades sintáticas	FORMA
Propriedades morfológicas	
Propriedades fonológicas	
ELO DE CORRESPONDÊNCIA SIMBÓLICA	
Propriedades semânticas	SENTIDO
Propriedades pragmáticas	
Propriedades discursivo-funcionais	

Como se pode observar, o autor propõe um modelo que procura dar conta de todos os níveis de uso de uma dada construção, tanto em termos de suas propriedades formais quanto referenciais. A conexão entre convencionalização de sentido e forma é interna à construção, envolvendo aspectos mais arbitrários e outros mais motivados. Do ponto de vista formal, Croft (2001) destaca os componentes fonológicos, morfológicos e sintáticos envolvidos na construção e os correlaciona com o sentido articulado nos níveis semântico, pragmático e discursivo-funcional. Trata-se, portanto, de um modelo holístico de abordagem construcional, que procura dar conta das distintas dimensões aí envolvidas e suas interfaces.

### 3. A Construção V + Loc e Suas Tendências de Uso

Nesta seção, apresentamos cinco dos resultados mais salientes e relevantes da pesquisa que ora estamos desenvolvendo. Trata-se de constatações que nos permitem postular generalizações tanto no que concerne às instanciações específicas da construção V + loc, em termos das microconstruções, quanto às tendências de uso verbal e pronominal locativo em outros padrões, no âmbito das mesoconstruções. Como se trata de pesquisa integrada, desenvolvida pelos membros do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF<sup>10</sup>, para ilustração dos resultados apresentados, fazemos referência à investigação específica desses pesquisadores.

#### 3.1. O Tipo Semântico de V Articula Sentidos Específicos do Padrão V + Loc

Embora considerados como um todo altamente convencionalizado, em conformidade com o que preconiza a perspectiva construcional, os padrões analisados têm demonstrado que, a depender dos traços semânticos do primeiro constituinte, o V, as expressões assumem determinados efeitos de sentido. Assim, ainda que se considere a indissociabilidade entre forma e sentido e que se destaque que este último não resulta da mera soma dos sentidos dos constituintes internos, postulamos que o sentido de V é relevante para o sentido de V + loc. Assim, a partir de uma construção maior, ou macro, de estruturação V + loc, chegamos a níveis intermediários, as mesoconstruções, que podem ser instanciadas por verbos estativos (Vest + loc), cognitivos (Vcog + loc), de deslocamento (Vdesl + loc), entre outros modelos de representação.

No que concerne a verbos de deslocamento, consideramos que, por *inferência sugerida* (Traugott; Dasher, 2005), esses constituintes são recrutados pelos emissores para articulação de um tipo de deslocamento mais *abstrato*, no convite ao

<sup>10</sup> Grupo cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq/Brasil, liderado por Mariangela Rios de Oliveira.

interlocutor a partilhar certa opinião ou intenção, como em:

(1) *Sim, há uma pedra no caminho da revolução. É uma má notícia para a popularização da tecnologia em mercados estrangeiros. **Vá lá**, para animações, até dá certo.* (blogue)

Em (1), fragmento extraído da pesquisa de Teixeira (2010), o tom persuasivo, de convencimento e ação sobre o interlocutor, tem na forma verbal *vá*, entrincheirada ao loc *lá*, uma de suas marcas linguísticas mais evidentes. A microconstrução *vá lá*, portanto, destituída de maior sentido lexical ou referencial, tem função no nível pragmático-discursivo, na chamada ao outro para que se partilhe a informação subsequente *para animações, até dá certo*. Assim usada, não mais é possível descrever a expressão *vá lá* como constituída por um verbo e um pronome locativo, em termos prototípicos, uma vez que se perdem traços fundamentais de ambas as categorias, em prol de fortalecimento de funções (inter)subjetivas, voltadas para a negociação de sentidos mais abstratos, atinentes à esfera textual-discursiva.

Quando a posição de V é ocupada por verbos de natureza estativa, como *esperar*, o efeito é outro, tal como se observa em (2):

(2) *Mas **espera aí**, não é só o Corinthians que é virgem ! Olhem só !? O Brasil é virgem olímpico* (blogue)

No fragmento (2), o uso de *espera aí*, antecedido pela adversativa *mas*, instaura sentido de contenção, no convite ao interlocutor para abertura de espaço ou pausa, com vistas ao acréscimo de argumentos ou adendos (*não é só o Corinthians que é virgem*). Nessa sequência, pontuada por várias estratégias linguísticas dialógicas (uso de exclamação, de interrogação, de focalização, de negação, entre outras), a microconstrução *espera aí* instancia a mesoconstrução Vest + loc, como subtipo da macroconstrução V + loc.

No que concerne a verbos cognitivos, ilustramos tais usos com o fragmento a seguir:

(3) *A gente sempre fala em casamento, e acho mesmo que vamos casar, mas **sei lá**, eu tenho umas neuroses que nem eu mesma sei explicar.* (blogue)

Devido ao sentido mais abstratizado dos verbos cognitivos, quando estes passam a preencher posição em V + loc, articulam-se sentidos mais abstratos também, e o nível de inferência, de atuação de efeitos subjetivos, cresce. No fragmento (3), ilustramos a mesoconstrução Vcog + loc com uma das expressões mais recorrentes no português contemporâneo falado no Brasil - *sei lá*. Trata-se de uso tão recorrente e sistemático que faz com que Bechara (2004) inclua esse padrão na classe dos advérbios de negação. Na verdade, *sei lá* não corresponde totalmente a *não sei*, mas instancia sentido vago e indefinido, em que não mais se pode falar de efetivo verbo (*sei*) acompanhado de pronome locativo (*lá*), mas sim de um todo semântico-sintático, altamente subjetivo e cumpridor de função pragmática, voltada para a modalização ou para a marcação discursiva.

#### 3.2. O Tipo Semântico de Loc Articula Sentidos Específicos do Padrão V + Loc

A seleção do segundo constituinte construcional, o locativo, também concorre para a configuração do sentido geral dos padrões em análise. Em (4), apresentamos um desses usos:

(4) **ESCUA AQUI QUEM N VOTAR NA DILMA VAI MORRER DE ATAQUE** (blogue)<sup>11</sup>

Com a articulação da expressão *escuta aqui*, o emissor chama a atenção do interlocutor (*escuta*) para a opinião (*quem votar na Dilma vai morrer de ataque*) que vai emitir (*aqui*); essa chamada de atenção é detectada também pela maiúsculas usadas em todo o fragmento. O padrão *escuta aqui* tem no locativo *aqui*, pronome egocêntrico (1ª pessoa do singular) e de granularidade fina<sup>12</sup>, nos termos de Batoréo (2000: 439), um de seus eixos fundamentais, no destaque

<sup>11</sup> Mantivemos todo o fragmento em maiúsculas, tal como o extraímos do site.

<sup>12</sup> A granularidade é termo oriundo da área da Inteligência Artificial e diz respeito às regiões-de-vizinhança dos conjuntos, conforme se

para a fonte da informação, que se concentra na primeira pessoa do discurso. De outra parte, quando o locativo é o pronome *aí*, a atenção se volta mais especificamente para o interlocutor, para o outro ponto em que se situa a interação, como visto em (2), na ilustração do uso de *espera aí*.

Em relação ao locativo *lá*, por sua granularidade vasta e maior afastamento em relação aos interlocutores, tem seu uso registrado na articulação de expressões de sentido mais vago ou genérico. É o que pode ser atestado em (3), com o uso de *sei lá*, e também em (5), a seguir apresentado:

(5) **Quero lá saber!** Cada vez quero saber menos. (blogue)

Na formação do padrão *quero lá*, o locativo atua num certo tipo de “desconstrução” do querer, tal como ocorre em *sei lá*. A falta de maior precisão do espaço e a maior distância referidas por *lá* faz deste locativo constituinte ótimo para a articulação de sentidos imprecisos, modais, subjetivos. Contextos de maior informalidade concorrem para a deflagração desses usos, que enfatizam o traço de negatividade do elemento verbal.

### 3.3. Gradiência e prototipia são traços da construção V + loc

No português contemporâneo do Brasil, as construções mais gramaticalizadas do padrão V + loc convivem com estágios menos avançados ou lexicais, ratificando a mudança gramatical por que passaram, como em:

(6) *O amor me **espera lá** dentro / Entre as coisas que conheço* (MPB)

(7) **Espera lá...** Isto é uma brincadeira, certo? (blogue)

Na perspectiva da gramaticalização de construções, postulamos que a expressão destacada em (6) não constitui formação de maior vínculo, uma vez que o constituinte verbal *espera*, sob forma pronominal, refere-se claramente ao SN sujeito *o amor*, enquanto o pronome *lá* é preenchido cataforicamente por *fora*, articulando, assim, referência espacial (ainda que o sujeito seja mais abstratizado, como *o amor*) e função adjuntiva circunstancial. Por outro lado, em (7), identificamos o padrão construcional *espera lá*, que, em posição inicial, atua na função pragmático-discursiva; trata-se de expressão intersubjetiva de que se vale o emissor para atuar sobre o interlocutor, preparando-o para a apresentação da opinião *isso é uma brincadeira*; com *espera lá* se ratifica a marca injuntiva de todo o fragmento. Assim posto, consideramos que o uso de *espera lá* em (6) é anterior e motivador do uso em (7), na trajetória do léxico à gramática, da referência concreta à abstrata, enfim, da mudança linguística.

Interpretação similar podemos fazer em relação ao par de fragmentos a seguir:

(8) *Adquiri um site que já lá tinha adsense e **quero lá** meter o meu agora mas o site é recusado. Que faço?* (fórum)

(5) **Quero lá saber!** Cada vez quero saber menos. (blogue)

Os fragmentos (8) e (5), nesta seção retomados, ilustram também a trajetória de gramaticalização que postulamos. Em (8), a forma *quero* atua efetivamente como constituinte verbal de referência volitiva e concreta, relacionado ainda a outro elemento verbal (*meter*), enquanto *lá* se refere anaforicamente ao termo espacial *um site*. Já em (5), como referido anteriormente, estamos diante do padrão construcional *quero lá*, que articula sentido negativo e, em posição inicial, encontra-se mais desvinculado da forma verbal *saber*.

### 3.4. Contextos pragmático-discursivos subjetivos motivam a construção V + loc

A pesquisa que estamos desenvolvendo tem apontado que as ocorrências do padrão construcional V + loc são altamente motivadas por contextos maiores, no nível da sequência tipológica (Bonini, 2007; Marcuschi, 2002) ou do gênero

encontra em Batoréo (2000). É dividida em vasta ou fina/estreita e tem sido por nós associada aos usos locativos. Assim, a tríade aqui, aí, ali participa da granularidade fina, uma vez que situa ponto definido no espaço, enquanto cá, lá, acolá pertencem ao sistema de granularidade vasta, pela imprecisão do ponto de sua referência.

discursivo (Bakhtin, 1992) em elaboração. Como tais padrões articulam sentidos mais (inter)subjetivos, nos termos de Traugott e Dasher (2005), há tendência de que ocorram em contextos marcados também pela abstração e subjetividade, como fragmentos dissertativos, injuntivos ou expositivos (em termos de tipos de sequência) ou textos de opinião ou maior informalidade (em relação ao gênero discursivo). Essa vinculação entre usos gramaticais e contextuais é ratificada por Bybee (2010), em sua defesa de que pressões de ambientes textuais mais amplos concorrem para mudanças no nível semântico-pragmático de elementos encadeados no nível oracional, e está ainda associada à gradiência e prototipicidade do padrão V + loc.

Os pares de fragmentos apresentados na seção anterior (3.3) ilustram a vinculação aqui defendida. Tanto em (6) e (7) quanto em (8) e (5), os primeiros fragmentos de cada par, menos vinculados em termos de sentido e forma e situados no âmbito lexical, ocorrem em sequências também marcadas por maior objetividade. Em (6), trata-se de uma declaração acerca do amor e, em (8), de trecho narrativo; em (7) e (5), destaca-se a marca injuntiva, com o uso de estratégias exortativas, favorecedoras da gramaticalização, ou mudança gramatical, das expressões *espera lá* e *quero lá*, que migram no nível lexical para o pragmático-discursivo. É o que também ilustramos como o seguinte par:

(9) *O Studio B nasceu para sair do axé e do sertanejo e dar oportunidade para a galera que **está aí***. (blogue)

(10) *Dilma = aborto, maconha, prostituição, casamento gay. **Taí** a prova*. (blogue)

Em (9), temos uma formação lexical, constituída pela forma verbal *está* e pelo pronome adverbial *aí*, ambos articuladores de referência mais concreta (ainda que não totalmente prototípica); essa formação integra predicado verbal e concorre para a organização marcada pelo tom descritivo de espaço específico – *o Studio B*. Já em (10) temos o uso do constituinte *tai*, com registro de erosão de sentido e de forma; é um tipo de uso altamente vinculado e redutor, afastado dos traços característicos de uma predicação verbal, que encerra sequência marcada por forte tom opinativo e persuasivo.

### 3.5. Uma vez gramaticalizada, os padrões podem se generalizar

Um dos traços característicos da trajetória final de gramaticalização, conforme preconizam Heine e Kuteva (2007), é a generalização dos padrões de uso altamente convencionalizados. Uma vez fixados a partir da grande recorrência em contextos específicos (Bybee, 2010), tais usos se rotinizam e ficam disponíveis para articulação em outros contextos. Essa generalização é consequência ainda da perda da iconicidade original do padrão e ganho de arbitrariedade ou convencionalidade da função e da forma.

Para ilustrar esse resultado, trazemos dois fragmentos extraídos de blogues:

(11) *Publicado em eu, história, infância, relacionamentos, **sei lá***.

(12) *Guaraná **Taí**. – Gostoso como um beijo. -O primeiro beijo...*

No fragmento (11), a expressão *sei lá* encerra uma enumeração, atuando como fecho de uma sequência, à semelhança de *etc*, por exemplo; consideramos esse uso disponível para articulação a partir da função de marcação discursiva, considerada mais recorrente na gramaticalização desse padrão. Em (12), *Taí* nomeia um refrigerante, como resultado da forte integração semântico-sintática do padrão gramaticalizado *está aí*, que, por sua vez, é consequente do uso lexicalizado desse arranjo; em (12), temos a lexicalização de um uso pragmático-discursivo, que passa a nome próprio; tal migração confere a esse nome a marca injuntiva e persuasiva, no convite aos clientes para o uso do refrigerante. Tanto em (11) quanto em (12), as motivações icônicas iniciais encontram-se bastante esmaecidas, em prol da maior convencionalização instaurada.

## 4. Considerações finais

A pesquisa da macroconstrução V + loc tem se revelado promissora não só por levantar e analisar as micro

e mesoconstruções desse padrão no português contemporâneo do Brasil, com também por concorrer para o desenvolvimento dos estudos sobre gramaticalização de construções no viés do funcionalismo linguístico. Os resultados alcançados evidenciam a propriedade e a conveniência de se articularem aparatos e pressupostos funcionalistas e cognitivistas para melhor compreender como se forjam, organizam e atuam as expressões no uso efetivo da língua.

Por outro lado, muito ainda há que se fazer nesse projeto investigativo, como: a) empreender pesquisa histórica, com a investigação de *corpora* referentes a sincronias mais antigas da língua, na testagem da hipótese de derivação construcional; b) contemplar, de modo mais efetivo, a interface fala x escrita nos estudos da área; c) assumir e testar a proposta de gradiente construcional defendida por Traugott (2008), na defesa do *cline* macro > meso > microconstruções para o conjunto de pesquisas em desenvolvimento; d) detectar os processos emergentes e, de outra parte, os analógicos na gramaticalização de construções; e) investigar e levantar distintos níveis de metonimização motivadores de padrões construcionais; f) relacionar os resultados da pesquisa no viés da gramaticalização de construções ao ensino de língua, na defesa desses padrões como os efetivos constituintes da gramática, entre outras metas.

Assim, temos uma agenda instigante e promissora pela frente, com muitos pontos abertos, à disposição da comunidade acadêmica como desafio e convite a incursões.

### Referências Bibliográficas

- Bakhtin, Mikhail. 1992 [1953]. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Batoréo, Hanna. 2000. *Expressão do espaço no português europeu*. Portugal: Calouste Gulbenkian.
- BECHARA, Evanildo. 2004. *Gramática escolar da língua portuguesa com exercícios*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bonini, Adair. 2007. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: Meurer, José Luiz et al (org). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, p. 208-236.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. 1994. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press.
- Bybee, Joan. 2010. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. 2003. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: Joseph, Brian; Janda, Richard. (eds). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackweel, p. 336-357.
- Croft, William; Cruse, Alan. 2004. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Croft, William. 2001. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Fillmore, Charles J. 1988. *On grammatical constructions*. Califórnia: UCB.
- \_\_\_\_\_. 1982. Frame semantics. IN: Linguistic society of Korea (org). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, p. 111-138.
- Furtado da Cunha, Maria Angélica; Oliveira, Mariangela Rios; Martelotta, Mário Eduardo. 2003. (org) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj.
- Goldberg, Adele. 2006. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. *Constructions: a construction approach to argument structure*. 1995, Chicago: The University of Chicago Press.
- Heine, Bernd; Kuteva, Tania. 2007. *The genesis of grammar – a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. *The changing languages of Europe*. 2006. Oxford: Oxford University Press.
- Hopper, Paul; Traugott, Elizabeth. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Marcuschi, Luiz Antonio. 2002. A.Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Angela Paiva et al (org). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36.
- Noël, Dirk. 2007. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of language*, 14:2, p. 177-202.
- Oliveira, Mariangela Rios; Votre, Sebastião. 2009. A trajetória das concepções de “discurso” e de “gramática” na perspectiva funcionalista. *Matraga*, v. 16, no. 24, p. 97-114.
- Oliveira, Mariangela Rios; Rosário, Ivo da Costa (org). 2009. *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial.
- Taylor, John R. 1995. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press.
- Teixeira, Ana Cláudia Machado. 2010. *Padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá” na norma brasileira do português: microconstruções e gramaticalização*. 243 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Traugott, Elizabeth. 2008. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARD, R. et al (eds) *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 219-250.
- Traugott, Elizabeth; Dasher, Richard. 2005. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Votre, Sebastião; Cezario, Maria Maura; Martelotta, Mário Eduardo. 2004. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.